

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 16 • 2008



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2008

**ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS**

**Volume 16 • 2008**

**ISSN: 0872-6086**

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas

PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras

Fábrica da Pólvora de Barcarena

Estrada das Fontainhas

2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

*Aceita-se permuta*

*On prie l'échange*

*Exchange wanted*

*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira  
Estudos Arqueológicos de Oeiras,  
16, Oeiras, Câmara Municipal, 2008, p. 155-159

## OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA: UMA VISÃO PESSOAL NO CONTEXTO DO SEU TEMPO

Miguel Telles Antunes\*

Octávio da Veiga Ferreira, nome adoptado. Ou Octávio Reinaldo dos Santos Ferreira, nome real (nascido em Lisboa, 28.3.1917 – falecido em Lisboa, 14.4.1997). Filho de um oficial do exército – que, coerentemente com os seus ideais, se havia batido pela Monarquia e cedo morreu – não beneficiou nem de meios materiais, nem de apoios significativos, políticos ou outros. Daí uma vida construída a pulso. Desde uma adolescência nos arredores de Sintra, entre festas e eventual pancadaria, e daí por diante. Segundo lhe ouvi, foi marinheiro e lutador, do que, todavia, não disponho de dados comprovativos, e elemento muito válido pelo seu trabalho de Investigação, sobretudo em Arqueologia mas abrangendo áreas da Geologia e da Paleontologia também.

Além do mais, foi grande amigo dos seus amigos, de lealdade inultrapassável, modesto e activo, generoso, disponível para ajudar outrem. De tudo isso dou testemunho, acumulado ao longo de uma colaboração que perdurou longamente e que a morte interrompeu. Por isso sinto como dever moral o aderir à iniciativa de João Luís Cardoso, ao convidar-me a participar numa justa homenagem a Veiga Ferreira, embora deprece com a dificuldade de não ser arqueólogo e, por conseguinte, de a minha perspectiva ser algo lateral.

\* \* \*

Personalidade extrovertida, alegre, bom contador de histórias, robusto e confiante, era discreto. Em tantos anos, falou poucas vezes de religião. Sem cair num jacobinismo agressivo, contrário ao seu feitio bom, impressionava-o desfavoravelmente o relato do que lhe parecia macabro e sanguinolento, da Paixão de Cristo.

Não obstante, sempre colaborou, sem dúvida o melhor possível, com eclesiásticos que o destino cruzou no seu caminho, quase sempre em resultado de iniciativas do companheiro sénior que ele acompanhava: Georges Zbyszewski, devoto católico com raízes ortodoxas. Com efeito, dentre os colaboradores deste regista-se uma maioria de eclesiásticos franceses, o que não surpreende em face do empenho da Igreja francesa em Investigação científica (Albert Frère de Lapparent, Frédéric-Marie Bergounioux, Fernand Crouzel, Georges Delépine, Jean Roche, Henri Breuil, René Mouterde, entre outros). E foram muitos mais os franceses cuja colaboração foi solicitada ou acolhida por Zbyszewski.

Por outro lado, posso dizer o mesmo quanto à sua adesão à Maçonaria; observava com rigor a discrição imposta e por ele aceite. Acreditava num ideário, não andava à procura de protecções ou de “tachos”.

Mas não faltavam histórias nem anedotas jocosas, em que rivalizava com o Mestre (assim lhe chamava) Georges Zbyszewski, só que este tudo registava no seu inefável “cahier” de “anedotas”.

---

\* Academia das Ciências de Lisboa, R. da Academia das Ciências 19, 1600-679 Lisboa. Centro de Investigação em Ciência e em Engenharia Geológica da UNL. migueltellesantunes@gmail.com

Para além do facecioso ficavam o profundo gosto e o maior empenhamento na Investigação. Analisei antes o contributo de Veiga Ferreira em Paleontologia (ANTUNES, 1999), enquanto o muito que realizou em Arqueologia foi tema de trabalhos, em particular de João Luís Cardoso (1997). Evitando redundâncias, limito-me a focar a atenção em alguns aspectos porventura menos conhecidos e, sobretudo, no contexto em que decorreu a sua actividade.

O interesse pela Investigação, e pela Arqueologia em particular, é ilustrado por um evento que, além do mais, traduz coragem para enfrentar situações negativas quando se encontrava em posição de fraqueza. Um dos seus parceiros era Abel Viana, que antes ganhava a vida como Professor Primário em Beja; foi, depois, Inspector Escolar, passando à situação de licença sem vencimento por lhe ter sido atribuída pelo Instituto de Alta Cultura uma Bolsa de Estudo a tempo inteiro. Aos fins-de-semana vinha a Lisboa, do seu bolso, instalando-se numa pensão modesta, para trabalhar em Arqueologia com o Veiga. Trabalhavam, em particular, no Museu dos Serviços Geológicos, onde havia uma câmara escura e equipamento permitindo trabalhos de fotografia, executados por Veiga Ferreira. Sabedor disso, Carlos Teixeira, que defendia a prioridade da Geologia (e em particular da Cartografia) naquela Instituição, da qual era Colaborador oficial com grande peso – para mais individualidade muito emocional nas suas reacções e que não gostava do nosso homenageado – fazia coincidir a sua própria utilização da câmara escura dos Serviços Geológicos com as ocasiões em que lá podia ir a dupla Veiga – Viana. Isto quando tinha à sua disposição outra câmara escura no Museu Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências, bem perto. Assim, prejudicava-lhes o trabalho. Veiga arrumou a questão, interpelando Carlos Teixeira: “se voltasse a fazer o mesmo, partia-lhe o focinho, que ficava ainda mais feio do que já era”(sic). Mas transformou o desamor em ódio acirrado. Veiga talvez não tenha padecido mais porque os Directores dos Serviços Geológicos não alinharam nisso.

\* \* \*

A mão de Zbyszewski foi sempre generosa no que concerne a exportação de temas de trabalho portugueses, os melhores, em benefício de franceses; portugueses não, ou só marginalmente.

Compreende-se esta propensão pela ligação privilegiada à França, que generosamente havia concedido a nacionalidade a refugiados, como a Condessa Maria Ramenska Zbyszewska, antiga Dama de honor da Tsarina mãe de Nicolau II, e os dois filhos. Morto que havia sido o militar seu pai, Xavier Zbyszewski, na frente alemã, no início da guerra de 1914-1918, foram forçados pela Revolução a deixar a terra onde viviam, em Gatschina, Tsarskoie Selo, nos arredores de S. Petersburgo – convertida, segundo ele que em criança viu de tudo, conforme me relatou com mais pormenores, em ambiente de violência indiscriminada. Citando as suas próprias palavras proferidas aquando do jantar de homenagem pela jubilação (Restaurante “O Brasuca”, bem perto da Rua da Academia das Ciências, onde trabalhou):

“Eu nasci na Europa oriental onde vivi até aos 8 anos em ambiente de grande guerra, de revoluções. De morte e de terror” (Volume d’Hommage ..., Paris, 1984, pp. 49, no artigo de Zbyszewski, *Palavras do Homenageado*, pp. 48-54).

As recordações não tinham morrido nele. Pela única vez de que tenho conhecimento, invoca a qualidade de Conde na ficha que preencheu ao ser eleito Académico Correspondente Estrangeiro pela Academia das Ciências de Lisboa, em 17 de Julho de 1958, na alínea *Títulos nobiliárquicos e condecorações*. Também nisso, a recordação aristocrática, paralelizava Veiga Ferreira, que sempre usou anel de brasão.

\* \* \*

Um dos visitantes franceses foi de Lapparent, conceituado especialista em dinossauros, autor de trabalhos acerca de faunas de França e com notáveis prospecções realizadas em África. Veio a Portugal para ver material em colec-

ções e no terreno. Foi acompanhado por Zbyszewski e por Veiga Ferreira, seu auxiliar, que, entre muitas outras acções, também desenhava peças. Assim o fez no Museu Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências de Lisboa, onde redescobriu um magnífico crânio de crocodilo jurássico (FERREIRA, 1959). Descreveu-o (ibidem) com limitações. Voltei ao estudo da mesma peça, completando-o e rectificando o que foi necessário. Porém, sem cair no ataque e no enxovalho, salientando, ao invés, os aspectos positivos do contributo de Veiga Ferreira. Com grande decepção de Carlos Teixeira, que esperava que lhe desse “uma tarefa” e que, frustrado, não deixou de me prodigalizar ironias acerbas.

Valeu a pena. Não só o trabalho foi publicado em França pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (ANTUNES, 1967a) como o seu desenvolvimento em memória editada pelos Serviços Geológicos de Portugal (ANTUNES, 1967b) à qual foi atribuído pela Academia das Ciências de Lisboa o Prémio Artur Malheiros (1966). Além disso, agradou, talvez ainda mais a atitude subjacente, a Veiga, que me passou a considerar como amigo. Até sempre.

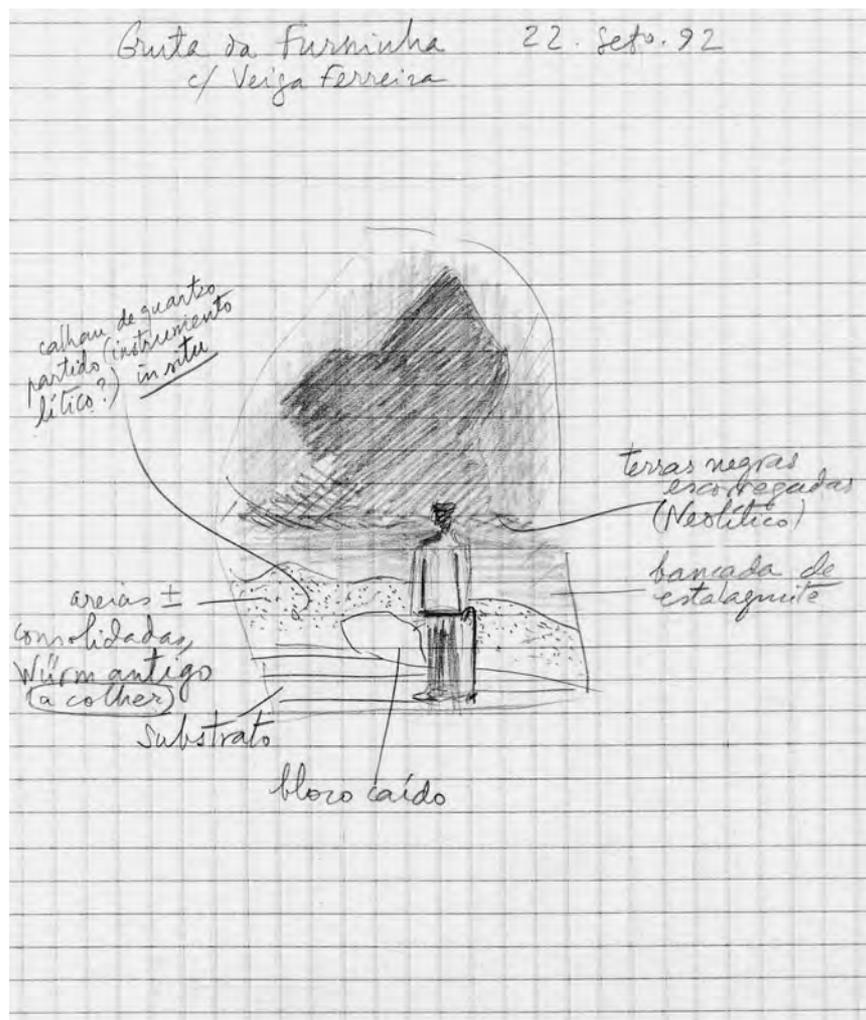
\* \* \*

Desempenhava funções como funcionário dos Serviços Geológicos de Portugal, mas não era nem geólogo nem engenheiro de minas, apenas um “Agente Técnico de Engenharia”. Sempre em posição subalterna, bem para ele na medida em que actuava na equipa de que a figura de proa era Zbyszewski (participavam também colectores e um motorista), pessoa simpática e de bom trato, além de desfrutar de prestígio científico. Chamava-lhe “Mestre” e considerava-o como Amigo. Equipa ligada por amizade e boa camaradagem, onde reinava a boa disposição. Equipa em que longamente participei, saindo duas ou três vezes por semana, e que recordo com saudade (Figs. 1 e 2). Equipa que muito trabalhou, sobretudo no terreno, em levantamentos geológicos, na pesquisa de sítios paleontológicos e em visitas de estudo a jazidas arqueológicas.



**Fig. 1** – Visita à gruta da Cova da Moura (Cesareda) na Primavera de 1987. Da esquerda para a direita, Georges Zbyszewski, Miguel Telles Antunes e Octávio da Veiga Ferreira. Foto de João Luís Cardoso, a quem o A. agradece.

**Fig. 2** – Recordação saudosa da última visita de estudo com M. Telles Antunes, autor do esboço – Octávio da Veiga Ferreira voltado para a entrada da Gruta da Furninha, Peniche; ostenta boné de marinheiro, que frequentemente usava, e a bengala, que se tornara necessária. 22 de Setembro de 1992.



A situação nesta equipa acabava mesmo por ser favorável a Veiga Ferreira, pelo ambiente humano que o rodeava e na medida em que podia somar subsídios de campo e ajudas de custo ao muito modesto vencimento. Vivia sem desafogo. Muitas vezes carregava pedaços de lenha que encontrava, para a lareira, ou colectava ervas, sarmagos e outras que bem conhecia, para alimentar coelhos que criava no quintal. O que o não inibia de sacrificar férias e porventura outros proventos a favor daquilo que gostava de fazer.

Porém, no fundo era trabalho essencialmente de cartografia que lhe competia. A Investigação em Arqueologia (e não só) era mais tolerada que outra coisa, e decerto não encorajada pelas estruturas. Exceptuava-se Zbyszewski, movido também por algum interesse próprio. Creio não exagerar ao admitir que muito da copiosa obra do Mestre foi possível graças à excelente e empenhada colaboração do Veiguinha.

Veiga trabalhou, sob autoridades e numa Instituição que lá iam vivendo ante as pesquisas, sem comprometimento nem apoio expresso, senão com atitude tacaña. Apoio, propriamente, só o de Zby. Discretamente. Até porque – disso dou testemunho directo – se ouviam críticas acerbas e de justiça discutível contra o então Engenheiro-Chefe, por causa das escavações na Gruta da Columbeira, feitas enquanto se não produziam cartas! Deixo cair o nome de quem as fazia, aliás com peso.

A Investigação em Arqueologia levou-o a interessar-se pela obtenção do grau de Doutor. Que fazer? As habilitações literárias, apenas o Curso de Engenheiro Técnico em Engenharia Civil e de Minas, não eram adequadas para as Faculdades de Letras portuguesas. A solução foi aproveitar um dos seus contributos mais notórios, o estudo da Cultura do Vaso Campaniforme, e daí modelar uma tese, que viria a apresentar à Sorbonne, em Paris. Em França era possível, ao tempo, que qualquer pessoa, mesmo sem as habilitações normais, apresentar-se à Universidade para obtenção de um grau especial – o *Doctorat d'Université* – susceptível de ser outorgado mesmo nas condições invocadas; embora sem conferir ao Candidato quaisquer direitos do ponto de vista administrativo, representava o reconhecimento de uma obra, após a respectiva discussão e defesa perante um Júri qualificado. Assim aconteceu. Para o conseguir, Veiga, não financiado para isso, resolveu os problemas da viagem e do alojamento graças à instalação do carro e “roulotte” num parque de campismo dos arredores de Paris.

\* \* \*

Só tarde ficou com responsabilidades no Museu, de que seria forçado a abandonar o gabinete, por sinal bastante deficiente, que lhe estava alocado – logo assim que se reformou.

Melhor compreensão do valor da sua experiência e do interesse em transmiti-la a outrem deu provas a Universidade Nova de Lisboa, através da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, ao recrutá-lo como Professor Catedrático Convidado na sequência de proposta do seu Irmão, António Henrique de Oliveira Marques.

O apreço pelo seu múltiplo contributo ficou patente nas homenagens que, com justiça, lhe foram prestadas. O Homem morre, a obra fica, bem como, para mim, a recordação de uma Amizade sem mácula.

## BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Miguel Telles (1967a) – Sur quelques caractères archaïques des Crocodiliens, à propos d'un Mésosuchien du Lias supérieur de Tomar (Portugal) / Remarques sur l'origine des Crocodylia. Colloques Internat. du CNRS, Paris, n° 163, PROBLÈMES ACTUELS DE PALEONTOLOGIE (Évolution des Vertébrés), p. 409-414, 1 est.
- ANTUNES, Miguel Telles (1967b) – Um Mesosuquiano do Liásico de Tomar (Portugal) / Considerações sobre a origem dos Crocodilos. Serv. Geol. de Portugal, *Memória n° 13* (nova série), 66 p., 6 est. [Prémio Artur Malheiros, Academia das Ciências de Lisboa, 1966].
- ANTUNES, Miguel Telles (1999) – Veiga Ferreira e a Paleontologia em Portugal. *Ciências da Terra*, 13, p. 157-167, 3 fig., 3 pl., lista bibliográfica.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *In Memoriam*. O. da Veiga Ferreira. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*, 83: 153-170. Lisboa.
- FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Nota sobre a presença do género “Pelagosaurus” no Lias de Tomar. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, T. XLI, p. 121-125. Porto.
- ZBYSZEWSKI, Georges (1984/ dépôt légal, février 1985) – Volume d'Hommage au Géologue Georges Zbyszewski. Éditions Recherche sur les Civilisations. Paris. 470 pp.